

# Dos circuitos à sentença: O impeachment de Dilma Rousseff no ambiente da circulação mediatizada<sup>1</sup>

► POR ANTONIO FAUSTO NETO

afaustoneto@gmail.com Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brasil / Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO).

*Fecha de recepción:* 26/9/2016

*Fecha de aceptación:* 5/10/2016

## RESUMO

Examina-se o impeachment de Dilma Rousseff a partir de circulação de discursos sociais construídos e dinamizados por campos sociais (midiático; jurídico; político; fiscal; policial), em longo trajeto que opera após as eleições presidenciais do segundo turno até setembro de 2016. Descreve-se lógicas e operações que são enunciadas por discursos, tomando-se como objeto o funcionamento do espaço-temporalidade midiática na qual estratégias de vários campos entrecruzam-se principalmente no universo da produção midiático-jornalística através de notícias, reportagens, entrevistas, etc. Aponta-se a especificidade do contexto da mediatização, enquanto ambiência na qual os discursos sociais se produzem e se afetam em torno de feixes de sentidos. Destaca-se, principalmente, o uso de metáforas (como a de sangramento) e outras figuras de linguagem pelas quais o impeachment é nomeado desde a deflagração do seu processo em 2015, até a sua sentença em 2016. A hipótese deste trabalho propõe que o impeachment enquanto acontecimento engendra-se e desenrola-se no âmbito de processos de circulação.

**PALAVRAS CHAVE:** *impeachment, mediatização, construção do sentido, processo, temporalidades.*

<sup>1</sup> Este trabalho contou com a colaboração de Marcos Reche Ávila (Bolsista AT), Liliane Haab (PIBIC) e Victor Thiesen (UNIBIC) no levantamento da documentação, produção editorial, e na elaboração das reflexões aqui desenvolvidas, no contexto da linha de pesquisa "Mediatização e Processos Sociais", através do projeto "Circulação: Gênese, Funcionamento e Complexificação das 'Zonas de Contato' na Sociedade em Mediatização" - CNPq/Unisinos.

---

## ABSTRACT

It is examined the impeachment of Dilma Rousseff from the circulation of social speeches constructed and made dynamic by social fields (mediatic; juristic; politic; financial; police) in the long path which operates after the second turn of presidential elections until September, 2016. It is described logics and operations which are enunciated by speeches, taking as an object the functioning of mediatic space-temporality in which strategies of several fields intertwine themselves, especially in the universe of mediatic-journalistic production through news, reports, interviews, etc. It is pointed the specificity of the mediaticization context while ambience in which the social speeches reproduce and affect themselves around senses beams. It is highlighted, particularly, the use of metaphors (such as bleeding) and another figures of speech for which impeachment is named since the deflagration of its process in 2015 until its sentence in 2016. The hypothesis of this paper proposes that the impeachment while an event engenders and unwinds itself in the ambit of circulation processes.

**KEYWORDS:** *impeachment, mediaticization, sense constructions, process, temporalities.*

## NOTA INTRODUTÓRIA

O impeachment da presidente Dilma Rousseff se engendra e se desenvolve em torno de estratégias discursivas de cinco campos sociais: político, midiático, judiciário, fiscal e policial. Diversas operações são por eles dinamizadas mediante atividade circulatória que tem nos processos de midiaticização o âmbito deste acontecimento complexo. Através de operações enunciativas que vão além das fronteiras destes campos, o impeachment move-se através de circuitos constituídos por textos que materializam percursos e cruzamentos de vários discursos, cujos efeitos de sentido fazem emergir as fontes de inteligibilidade sobre a destituição da presidente. Buscamos, neste artigo, examinar injunções de várias lógicas e operações sobre a sentença da presidente, enfatizando discursividades de um amplo processo de co-enunciação que teve a esfera midiática como um dos seus principais operadores.

## AS MÍDIAS NA ORIGEM

Os dois processos de impeachment que ocorreram no Brasil nos últimos 24 anos, se dão em dois períodos específicos da midiaticização em processo: aquele no qual as mídias tem uma inserção central e um segundo no qual operações midiáticas atravessam de modo intenso, as práticas de todos os campos sociais. O impeachment do ex-presidente Collor é desencadeado a partir de um vídeo e de uma entrevista concedida pelo irmão do ex-presidente a uma revista semanal, cuja apresentação na capa da edição, destaca a natureza do seu trabalho autorreferente, como primeiro passo do acontecimento: “Pedro Collor conta tudo – o vídeo e a entrevista”.

Durante meses, os discursos jornalísticos desenvolveram atividade investigativa levantando ângulos que ajudaram a provocar o impeachment do primeiro presidente eleito após a ditadura. Também adotaram estratégias do jornalismo testemunhal pelas quais procurou-se acompanhar o passo-a-passo do processo conduzido no Congresso Nacional. Esta atividade se caracterizou principalmente, por coberturas com base em processos de agendamentos, mediante tematizações pró- impeachment. Os efeitos destas operações jornalísticas deram razão ao ditado segundo o qual a sentença da mídia chega antes mesmo daquela da justiça, bem como a das instituições jurídicas. A mídia promove segundo seus enquadres discursivos, a saída de cena de Collor antes mesmo que a sentença do parlamento viesse a ser pronunciada (Fausto Neto, 1995). O impeachment de Dilma Rousseff ocorre no contexto de uma mutação na sociedade provocada pela expansão e disseminação da cultura da mídia sobre a organização social. Tecnologias convertidas em meios geram intenso processo de midiaticização no seio do qual os processos interacionais entre instituições e atores sociais se cruzam a partir de lógicas de mídias, especialmente após o advento da internet. Esta é transformada em um espaço onde se travaria nova batalha campal entre as instituições e os indivíduos (Verón, 2012).

Já a partir de 2013 –três anos da saída da presidente– tanto nos contextos da mídia informativa, das manifestações de ruas, das plataformas das redes sociais, (especialmente nas proximidades das eleições de 2014), e de mensagens publicitárias veiculadas por instituições econômicas, o impeachment da presidente vai sendo tematizado. Circulam mensagens e palavras de ordem apregoando seu afastamento:



Figura 2. Ruas, antessala do impeachment de Dilma (IstoÉ, 18/03/2015).



Figura 3. Mundo econômico antecipa sentença: renúncia já (Folha de São Paulo, 17/03/2016).



Figura 1. Entrevista e vídeo inauguram impeachment de Collor (Veja, 22/05/1992).



Figura 4. Dilma não apenas fora, mas desqualificada (Dianna Bordin postagem no Facebook, 16/07/2014).

A “gestão do impeachment” desenvolve-se segundo complexa discursiva em um contexto ampliado de midiatização. Operações enunciativas de produção de sentidos são engendradas mediante circuitos e de fluxos de campos sociais (midiático, jurídico, policial, fiscal, político). Tal gestão se faz através de um longo percurso e se materializa através de textos que dão forma a um intenso tecido de inteligibilidades: gesta-se ainda em 2014, no Tribunal de Contas onde as contas do governo são objeto de críticas e desaprovações e toma forma jurídica, sob a “monitoração midiática”, quando protocolos formulados pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) juristas ligados á partidos de oposição ingressam no Congresso com pedido formal do impeachment, que é aceito em ainda em 2014, pela presidência daquela instituição legislativa, e votado em setembro de 2016, decretando o afastamento da presidente.

Mas um primeiro cenário caracterizado pelo opinionismo emergente, e intenso nas s redes sociais, é relativizado, fato atribuído, ao próprio calor da conjuntura das eleições de 2014. Acreditava-se que as manifestações no ambiente digital e nas ruas, não iriam adiante, conforme a própria avaliação do presidente do Tribunal Superior Eleitoral José Toffoli:

Isso é parte da realidade eleitoral. O mais importante é que, em menos de 20 minutos, o candidato derrotado liga para a candidata vitoriosa. Isso é uma pacificação social. Acabou a disputa eleitoral e agora vai ser situação e oposição. Agora, a disputa se dá em outro nível (“Pedidos de impeachment na internet não são rescaldos eleitoral, diz presidente do TSE”, *Folha de São Pablo*, 1/11/14).

Apesar de relativizar o ímpeto das manifestações nas redes –que durariam “menos de 20 minutos”–, a avaliação do presidente do STE prenunciaria, de alguma forma, um desdobramento do embate eleitoral. Mas, não imaginaria que as disputas iriam tão longe e que teriam desenlace traumático para democracia brasileira.

### SANGRAMENTO, 1º SIGNIFICANTE

Veremos que o impeachment é nomeado em torno de significantes através da circulação de discursos que fazem deslizar diversas construções dos campos sociais, que se enviam e re-enviam numa atividade enunciativa dinamizada pelo campo midiático. Um mês após as eleições (dezembro de 2014), um blog de notícias traz à tona as possíveis implicações da análise das contas do governo (primeiro mandato de Dilma Rousseff) junto aos tribunais especializados e indicando que:

A possibilidade de rejeição das contas de campanha do PT e da presidente Dilma deve ser entendida como parte da estratégia da oposição de sangrar o Governo. Mais do que realmente evitar a diplomação de Dilma, esse imbróglgio desgasta a presidente perante a opinião pública e tira a energia para governar. (...) Do ponto de vista político, Dilma sangra politicamente com esse episódio (“Contas no TSE fazem parte de estratégia de sangrar Dilma”, Blog de Kennedy Alencar, 9/12/2014).

Este informe do blog faz a primeira nomeação do ‘significante inaugural’ atribuído ao impeachment, associando-o à noção de sangramento. Ela vai se constituir no principal operador de identificação, deslizando em processos de semantização discursiva desenvolvidos, principalmente, por estratégias dos campos político e midiático. Observamos que há uma intercambialidade no emprego deste significante ao ser dinamizado discursivamente por diferentes campos sociais. O sangramento deve ser entendido –para além de um sentido literal– como ações a serem desencadeadas contra o governo, com objetivo de enfraquecê-lo e de inviabilizar suas políticas, extenuando suas próprias forças e pondo fim à sua própria existência. Declaração de agente do campo político é capturada e enunciada pelo noticiário jornalístico, nesta direção: “não quero que ela saia, quero sangrar Dilma” (*Folha de São Pablo*, 9/3/2015). Numa segunda matéria sobre pesquisa de aceitação, recusa do governo, acentua-se e qualifica-se o desenrolar do sangramento: “Data Folha mostra sangramento acelerado” (*Folha de São Pablo*, 18/3/2015). O texto jornalístico co-valida os dados da pesquisa e os toma como referência para aprofundar suas explicações sobre o diagnóstico; para tanto, informa que o paciente sofre de ‘causas múltiplas’, dentre elas, suas condições de comunicação com a sociedade.

Recorre-se à metáforas diversas, conforme veremos, para explicar as causas do impeachment, fazendo emergir outros significantes como, por exemplo, o conceito de combustão. Para tanto, busca-se uma explicação didática sobre o impeachment. Através de entrevista concedida pelo candidato Aécio Neves –derrotado nas eleições presidenciais e líder da oposição– é lembrado que “o impeachment é fruto da combustão de dois componentes: um de ordem jurídica, que estaria ali colocado de forma clara e definitiva, e outro de ordem política” (Fernando Rodrigues, *blogsfera.uol.com.br*, 18/6/2015). Por certo, o número de variáveis que incidem sobre a ruptura da governabilidade política é bem mais complexa do que a definição apresentada. Porém, a articulação de duas metáforas –sangramento e combustão– fazem emergir as situações de perdas, lesões, etc., que ocorreriam e que afetariam a integridade e estabilidade de um corpo, ou mesmo, de um sistema.

## CONSTRUINDO O TEMPO DO IMPEACHMENT

Já em 2015, antes mesmo antes da posse de Dilma, para exercício do seu segundo mandato, o discurso político anuncia a temporalidade da execução deste processo de debilitamento, mediante declarações que são enunciadas em site jornalístico internacional. Afirmções avaliam que a vida do governo será inferior ao tempo previsto do mandato presidencial. Ainda que não se precise o momento exato, já se firma a crença, na esfera da oposição,

segundo a qual a presidente sairia de cena mais cedo:

O senador José Serra opositorista PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), um político de peso e prestígio nacional e internacional, fez uma profecia arriscada sobre a presidente Dilma Rousseff, e seu segundo mandato. Em conversa com correligionários de partido, advertiu que Dilma “não irá concluir seu mandato” (Juan Arias, *El País*, 30/01/2015).

Outro relato jornalístico anuncia novas intenções de setores políticos pró-impeachment. Inclusive indicando tempo do seu desenlace:

No momento em que era conduzido à presidente do PSDB Aécio Neves fez um discurso inflamado sinalizando que o partido vai trabalhar para pôr fim ao governo da presidente Dilma Rousseff. Sem falar a palavra impeachment, Aécio afirmou que a oposição não esmoreceu e que o PSDB pretende dar uma resposta “responsável e corajosa” à sociedade. Em diversas oportunidades, Aécio sugeriu que Dilma deixaria governo, talvez mais breve do que alguns imaginam (*Zero Hora*, 5/7/2015).

### “GLOSSÁRIO” DO IMPEACHMENT

Através de um trânsito de discursos jornalísticos e políticos, instaura-se uma dinâmica circulatória através da qual vão se cristalizando as noções sobre o impeachment. Segundo dinâmica de interpenetração enunciativa, tais nomeações decorrem de diferentes níveis de observações envolvendo atores políticos e jornalísticos, segundo interações convergentes: de um lado, jornalistas observam as ações/ afirmações dos atores políticos extraídas de suas declarações e projetadas sobre notícias; de sua parte, os atores políticos acolhem fragmentos sobre o funcionamento das lógicas da noticiabilidade para operar a construção de suas observações a serem relatadas posteriormente, pelo trabalho dos jornalistas. Exemplificando: no contexto das notícias, falas dos atores políticos são precedidas por comentários feitos por jornalistas. Estes não só contextualizam declarações das fontes, mas vão além co-validando opiniões por elas proferidas. Abaixo, exemplos típicos de operações co-enunciativas reunindo fragmentos de discursos distintos.

Após comentar que a insatisfação dos brasileiros se converteu em revolta e gestos de intolerância, o senador Caio Cunha Lima disse que, neste momento, a renúncia de Dilma seria um gesto de grande espírito público. Isso (...) iria abreviar um longo e penoso caminho que o Brasil irá percorrer” (*Was on line*, 1/7/2015). Todos os discursos na convenção nacional do PSDB, no domingo, miram na mesma direção: a certeza de que a presidente Dilma Rousseff não chegará ao final do mandato. (...) todos dizem nas linhas ou nas entrelinhas, que o governo Dilma está com os dias contados por uma conjunção de fatores que se convencionou chamar de tempestade perfeita. A tempestade perfeita combina as crises políticas e econômica com a ameaça de rejeição das contas de campanha pelo

TSE, baixa popularidade da presidente e a incapacidade de reação do Palácio do Planalto. (...) Além de se diagnosticar as razões que levam ao impedimento de Dilma, pede-se para que a presidente renuncie para evitar ‘caminhos penosos’, e também pelo fato de que, a exemplo dos editoriais, os partidos políticos também decretam a saída da presidente, algo que preferem nomear como a “interrupção do mandato”: Esse grupo político que está ai caminha a passos largos para a interrupção do seu mandato –discursou Aécio Neves, presidente eleito do PSDB– (Rosane de Oliveira, PSDB aposta na queda de Dilma, *Zero Hora*, 6/7/2015).

### SENTENÇAS MEDIÁTICAS

Os processos observacionais jornalísticos operam através de notícias, reportagens, colunas e os editoriais. Ao longo de 18 meses, os ‘artigos de fundo’ –assim como são nomeados os editoriais– tematizam vários tipos de argumentos sobre o impeachment, fazendo ao longo de vários momentos pronunciamentos a favor da ‘sentença midiática’ sobre o mandato presidencial. Em termos mais recentes (abril/agosto de 2016) os editoriais pautam a importância do ‘ritual parlamentar’ a ser observado sobre o julgamento, por parte do congresso. Pelo menos três grandes jornais (*Folha*, *Globo* e *Zero Hora*, editados no Sudeste-Sul do país) publicaram entre março/setembro de 2016 cerca de 197 editoriais com foco direto, ou alusivo, favoráveis ao impeachment. Temas discutem a disputa semântica entre golpe/impeachment; as relações entre o impeachment e a performance do governo Dilma; a desqualificação da presidente considerada como vilã do processo e, na sua maioria, explicitam e defendem argumentos pelas quais a presidente deve ser afastada.

Em março de 2016 a *Folha de São Paulo* decreta de modo antecipado o fim do governo, e visando valorizar seu calendário sobre o agendamento do impeachment, publica editorial em primeira página:

É o Fim; *atesta que* a nomeação do ex-presidente Lula (PT) para o cargo de ministro-chefe da casa civil pode expressar o estado de desespero terminal em que se encontra o governo com baixíssimo índice de popularidade e com escassa sustentação para evitar o impeachment no Congresso (...). Já se dizia, nestes termos, que com a nomeação de Lula o governo de Dilma Rousseff chegava ao fim. Talvez a frase deva ser encarada, a partir dos próximos dias de forma mais literal do que se pensava (*Folha de São Paulo*, 17/3/2016).

A decretação da ‘sentença midiática’ já vinha sendo defendida em dois momentos anteriores: em outubro de 2015, quando o governo estava no exercício do seu segundo mandato, matéria de capa da revista *Veja* faz emergir de modo precoce, o tema do impeachment. Inicialmente, através de um enunciado, formulado de modo genérico, pergunta: “por que caem os presidentes” (*Veja*, 21/10/2015). Ao mesmo tempo, responde segundo outros enunciados, as razões que impedem presidente a permanecer nos seus cargos.



Figura 5. Perguntas e respostas enunciadas ao mesmo tempo pelo dispositivo informativo (Veja, 21/10/2015).

Explicando melhor: a pergunta formulada pela enunciação da revista não se restringe a um aspecto genérico, na medida em que os ângulos escolhidos para elaboração de uma possível resposta são associados explicitamente, ao mandato de Rousseff. Produz-se na capa uma construção de caráter argumentativo envolvendo os seguintes elementos: o título da própria revista (*Veja*) + o título da matéria, segundo o enunciado verbal: (“Por que caem os presidentes”) + a imagem da presidente envolta em um tom de penumbra, tendo ao fundo a imagem do palácio presidencial. O corpo da presidente é disposto como objeto central da capa que é transformada em *cédula de consulta*, contendo a inscrição de três pequenos enunciados, enquanto indicadores de avaliação do desempenho presidencial: “Altamente impopulares; Perdem apoio no Congresso; Arruinam a economia do país”.

Não obstante a transformação da capa em uma *cédula* para manifestação de opinião, a *estratégia de escuta* da revista não deseja contemplar voz do leitorado. Em resposta ao título da matéria e ao que é solicitado pelos quesitos dos enunciados, a operação enunciativa da revista cuida, apenas, em fazer emergir uma espécie de “texto–resposta”. Através de um comentário ampliado, explicita seu posicionamento, segundo modalização de caráter afirmativo: “Dilma Rousseff reúne as três condições que, à luz da história, são comuns aos governantes de democracias destituídas de seu cargo”. A pseudo interação entre nicho jornalístico e leitorado é apenas uma alusão utilizada para dissimular a estratégia argumentativa desenvolvida pela revista *Veja*.

### FABRICANDO CRENÇAS

Em uma outra operação argumentativa que se faz na espacialidade da capa, a revista *IstoÉ* decreta no âmbito da noticialidade jornalística pró-impeachment, o fim da temporalidade do mandato da presidente, em torno de argumentação que funcionaria como uma “palavra de ordem”. Fragmento do corpo da presidente é retirado de um outro contexto; mostrado de costas para o campo dos leitores; trajando roupas em preto e vermelho – cores associadas ao do partido da presidente –; e quase saindo de cena, da própria fronteira da página da publicação. Ao lado do seu corpo, fragmentos de enunciados verbais grafados em preto e vermelho elencam, segundo uma hierarquia construída pela edição, fatos através dos quais se forma o ponto de vista através do qual a revista sustenta

a admissibilidade do impeachment. Grafado em maiúsculas ao significante *impeachment*, se agrega a sigla do Partido dos Trabalhadores. E, à montagem, se agrega o comentário, aparentemente em tom informativo, abaixo do título: “começam a desenhar as condições para o impeachment”.

Esta construção do discurso jornalístico se apoia nos ‘arquivos’ midiáticos onde estão alojadas as “condições de produção” bem como as gramáticas com as quais é tecida a atualidade ofertada pelo discurso informativo. Para informar é preciso adicionar um comentário/opinião que pode aparecer disfarçado, em imagens que identificam personagens bem como nos textos de apoio e, ainda, no trabalho de modelização gráfica feita por editorias especializadas. Este complexo trabalho de referenciação visa produzir uma outra afirmação:

Dilma é carta fora do baralho ou de um modo mais elegante, Dilma está fora de cena. Trata-se de um recurso que tem sido largamente utilizado pelas revistas tipo “news”. Tais modelizações se fazem através de um trabalho aparentemente neutro, mas visa indicar ângulos e sugerir leituras que formalizam o ponto de vista do âmbito editorial e opinativo do jornalismo acerca dos fatos que são por ele criados. Há muitos exemplos e, praticamente, 90 por cento das capas de publicações informativas sobre o impeachment, valeram-se desse expediente pelo qual o jornalismo enuncia, por tais modos de dizer, processos através dos quais se dá a fabricação das crenças.

## TEMPOS DE AGONIA

Discursos políticos–oposicionistas produzem novos significantes sobre o transcorrer do sangramento. Numa alusão aos seus efeitos sobre o ‘corpo–significante’ (presidencial), diagnostica-se que a presidente está cada mais fragilizada e já escreve o próprio script de quem está deixando o poder. Sua saída continua sendo antevista há um ano da votação do impeachment, segundo avaliação feita pela oposição: “a presidente está cada vez mais fragilizada (...) Lamentavelmente o que eu vejo é uma presidente cada vez mais fragilizada (...)”. Dilma “está escrevendo o script” de quem está deixando o poder, avalia um dos líderes da oposição –Ronaldo Caiado, dizendo que de alguma forma a presidente construiu a sua despedida– (Folha de São Paulo, 7/7/2015).



Figura 6. Mídias definem causas e o processo de afastamento da presidente (IstoÉ, 08/0772015).

Registros do inconsciente são explicitados e apontam as motivações dos atores políticos. Ao falar na condição de novo presidente do principal partido de oposição (PSDB), o candidato Aécio Neves, derrotado nas eleições por Dilma Rousseff, cometeu ato falho captado pela própria observação jornalística: “o presidente nacional do PSDB” cometeu um deslize nesta terça-feira, durante entrevista à Rádio Gaúcha e disse que foi reeleito “presidente da república” [reportando-se a convenção do seu partido], lembrou que “o que nós dissemos na convenção (...) que me reelegeu ‘presidente da república’ é que o PSDB é um partido pronto para qualquer que seja a saída, inclusive a da presidente” –a fala chamou atenção dos repórteres da rádio que o corrigiram- (“Aécio diz que foi reeleito presidente da república”, *Zero Hora*, Porto Alegre, 7/7/2015). O líder opositor não só subverte o mandato da presidente, ao se autoneamar como presidente, como também decreta que este ‘corpo–significante’ se encontra sitiado (*Correio Braziliense*, 19/7/2015) pelas circunstâncias. Porém, a presidente não está apenas sitiada pelas estratégias do discurso político, mas também vigiada pela investigação policial-judiciária. Escutas telefônicas captam diálogo entre ela e o ex-presidente Lula cujo teor é midiaticado intensamente. Inclusive, fragmento do diálogo entre Lula e a presidente, na sua parte final em que ele se despede de Dilma, através da saudação: “Tchau querida”, é recuperado como título de capa de revista semanal.

Além disso, é também apropriado em redes sociais em tom irônico, odioso e jocoso. Tal fragmento é transformado em outro operador discursivo passando a se constituir no mote de saudação de despedida da presidente. Sabe-se que Lula é investigado por operações policiais, mas fragmentos da fala da presidente Dilma são capturados e extraídos do diálogo, numa ação considerada ilegal. Este fato enseja embates em setores jurídicos e leva o STF a ordenar ao juiz inquiridor a retirar as gravações, com os trechos da fala de Dilma, do processo investigativo (*Folha de São Paulo*, 17/3/2016).

### CADÁVER INSEPULTO

Aprofundam-se as representações acerca do processo de destituição da presidente. Além de desgastado, imobilizado pelo pro-



Figura 7. Do grampo telefônico à circulação social (Veja, 11/05/2016).

cesso político e vigiado pela ação policial-judiciária, o *corpo-significante* recebe outras nomeações nas colunas, sites e artigos jornalísticos. Já não se fala mais de um corpo apenas sitiado, mas também inanimado e exposto aos efeitos do próprio processo da circulação discursiva, ao receber desta uma outra nomeação, a de um cadáver insepulto:

Nas mesas de bar, nas filas de supermercados, nos consultórios médicos, na Esplanada dos ministérios, ninguém confia mais no governo Dilma Rousseff. Mesmo os petistas mais aguerridos admitem que a atual administração criou um clima tão ruim, que não se sabe se o país conseguirá suportar, por mais três anos, conviver com um cadáver insepulto” (“Cadáver Insepulto”, Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 27/8/2015).

Algo sobra ainda para ser dito sobre ele pelas operações da escalada editorial do dispositivo jornalístico. É preciso retratar as marcas que, antes de fazer o corpo desaparecer, apontariam e mostrariam detalhes de sua própria desfiguração. E outra capa desponta como a tribuna na qual são materializados os efeitos deste corpo em *decomposição*, associando-o ao corpo do impeachment. Antes do *cadáver insepulto*, se faz, porém, um último retoque sobre o corpo da presidente, por parte do poder modelizador dos editores: desfigurar seu rosto com marcas de estilhaçamento, enquanto pistas do destino que lhe será dado.

É a desfiguração vinda de um embate, o do trabalho enunciativo do sangramento que a presidente fora de combate. E, para tirá-la de cena, resta o recurso aos arquivos jornalísticos nos quais são guardadas as certificações com que a mídia decreta a vida, o destino da política e dos seus atores. Assim, toma-se a imagem com a qual *Veja* já enunciara em 1992, a saída de Collor da presidência como referência para autenticar e atualizar a saída de Dilma: se o primeiro é mostrado totalmente de costas para os leitores, Dilma, quase de costas, vai sendo levada para o mesmo destino. Ela já se encontra, praticamente, fora do enquadramento deste espaço de fabricação de crença que é a capa da edição da revista semanal. Os enunciados expressam as lógicas da enunciação jornalista quando ela referencia o tempo e a hora que apontam os destinos os destinos dos presidentes.



Figura 8. O corpo Despedaçado  
(*Veja*, 20/04/2016).



Figura 9. Mandando o presidente embora  
(*Veja*, 30/09/1992).



Figura 10. Dilma quase fora da ribalta  
(*IstoÉ*, 12/08/2016).

### A VOZ QUE ESPREITA E A VOZ QUE ESWAI

Ao mesmo tempo em que ocorre no trabalho de circulação discursiva o percurso de destituição de um corpo-significante consagrado por 52 milhões de votos, a midiática gere emergência de um outro corpo cuja voz se anuncia por entre cartas e manifestos, mas cuja amplificação de suas manifestações repousa também nas diversas enunciações de mídias. Ela já fluiu no corpo das discursividades das instituições; meses antes da abertura do processo de impeachment (dezembro, 2015), o vice-presidente Michel Temer envia uma carta para a presidente qual formula seus desconfortos sobre a relação institucional que os reúne, enfatizando: “Sei que a senhora não tem confiança em mim e no PMDB, hoje, e não terá amanhã”, dizendo esta ser a sua convicção. Tratava-se de uma carta de cunho privado e que ele havia ficado surpreendido pela mesma ter sido vazada e divulgada pela mídia. Talvez, o vice-presidente tenha avaliado mal o ímpeto dos processos de circulação, mesmo que na abertura do documento enviado a presidente, tenha admitido que “as palavras voam, os escritos permanecem. Por isso lhe escrevo” (Carta del 7/12/2015). Mas, pouco se conhece sobre os bastidores das condições de produção e circulação deste documento. Pode-se, contudo, admitir que nenhum dos interlocutores –nemele e nem ela– detinham exclusivamente, as condições de controle da circulação desta mensagem.

Embora afeito à privacidade dos escritos, as palavras do vice-presidente quase um ano antes da sentença do impeachment, voltam a circular próximo a este momento, ao lembrar em declaração à jornais que o país precisa de alguém para “reunificar a todos na crise” (*Folha de São Pablo*, 5/8/2015). E, no mês em que o Congresso votaria a admissibilidade do processo de impeachment contra Dilma, divulga pela internet um manifesto do que chama, uma *palavra preliminar* sobre

a sua grande missão, ao defender um “governo de salvação nacional e, portanto de união nacional” (11/04/2016). O vice-presidente denega a amplitude da circulação dada ao seu texto, dizendo que apenas se tratava de uma conversa com um amigo, com quem exercitava via WhatsApp alguns assuntos, o que chamava de ‘palavras provisórias’. Mas, palavras escapavam e seguiam pela circulação. Já na interinidade do Governo, a voz-imagem de Temer emerge da penumbra, cinco dias antes do julgamento final do impeachment, em agosto de 2016, anunciando ‘já ter votos para ser confirmado presidente’ (*Folha de São Pablo*, 25/8/2016).

Em um cenário final, cinco dias após, a presidente fazia sua defesa durante 15 horas em sessão do Senado, num contexto em que predominava a indiferença por parte dos senadores-juizes. Trata-se de um ato inócuo, pois conforme avaliavam ainda, artigos e seções jornalísticas: “com a fatura praticamente liquidada, os senadores também não se animaram a discutir decretos e pedaladas” (Bernardo Melo em Franco-*Folha de São Pablo*, 31/8/2016). De nada valeria, pois “o conjunto da obra pesava mais do que os pontos da denúncia” (Marcelo Coelho em *Folha de São Pablo*, 31/8/2016), numa alusão de que o julgamento era mais de caráter político do que de natureza técnico-fiscal. Um pouco antes do término de seu depoimento de defesa, a presidente externou desconforto na voz, e no meio do clima de indiferença por sua fala, anuncia que “dentro de meia hora minha voz, cessará inexoravelmente”. O processo chega ao seu final e ele é diagnosticado um semana após, pela mídia jornalística. A capa da edição histórica de *Veja* certifica e dá o destino ao longo sangramento que fora desencadeado há mais de um ano. Apoian-do-se em uma outra operação, modelizada pelas mãos dos editores, a cena de um ambiente de UTI invade toda superfície gráfica da capa. Destaca a imagem de um monitor cardíaco e mostra que os fluxos de batimentos do corpo-significante que estava sendo por ele monitorado, cessaram. A estrela deixa de brilhar e seus fachos de luzes desaparecem.

Restaria ainda a confirmação do laudo sobre o desenlace do sangramento. E este vem através da fala do campo político, enquanto coadjuvante do discurso midiático: o mesmo líder político que desencadeara o sangramento, praticamente logo no início do segundo mandato da presidente, confessa, logo após a deposição dela que, desta feita “a agenda do impeachment ficou para trás” (“A farsa do Golpe”, Aloysio Nunes Ferreira em *Folha de São Pablo*, 31/8/2016).

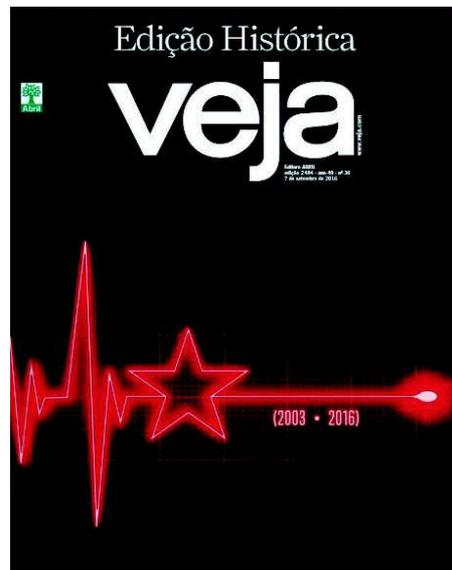


Figura 11. Cessou a sangria, sumiu a voz, apagou-se a luminosidade de estrela (*Veja*, Edição Histórica, 07/0972016).

## REFERÊNCIAS

- Bitonte, M. E. (2009, diciembre). Tres aportes a la noción de operaciones: Verón, Fisher, Goodman. Em *Figuraciones, teoría y crítica de artes*, (6). Recuperado em <http://www.revistafiguraciones.com.ar/numeroactual/recorrido.php?idn=6&idr=45>
- Carlón, M. & Fausto Neto, A. (compiladores) (2012). *Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación*. Buenos Aires: La Crujía.
- Certeau, M. (1981, setembro). Croire: une pratique de la différence. In *Documents de Travail et pré-publication*, 12 (106), p. 21.
- Chauvel, L. E. (2015, enero-junio). Una lectura en producción de la semiosis social. Debates contemporáneos em teoría social y política: homenaje a Eliseo Verón. En: *Estudios*, 33, pp. 69-94.
- Recuperado de <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/restudios/article/view/11605/12020>
- Communications* (1972), 18. Recuperado em: <https://dialnet.unirioja.es/revista/304/A/1972>
- Culioli, A. (2010). *Escritos*. Buenos Aires: Santiago Arcos.
- Fausto Neto, A., Verón, E. & Rubim, A. (compiladores) (2003). *Lula presidente: televisão e política na campanha eleitoral*. São Paulo: Hacker.
- Fausto Neto, A. (1994). A sentença dos Media: O discurso antecipatório do Impeachment de Collor. In Fausto Neto, A., Braga, J. L. & Porto, S. D. (compiladores). *Brasil: Comunicação, Cultura e Política* (pp. 238-355). Rio de Janeiro: Diadorim.
- Fausto Neto, A. (1995). *O impeachment da televisão: como se cassa um presidente*. Rio de Janeiro, Diadorim.
- Mouillaud, M. & Porto, S. D. (compiladores) (2012). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Ortellado, P. & Moretto, M. (2016, 17 de Abril). Guerra de narrativas: a batalha do impeachment no Facebook. Em: *El País* (version digital). Recuperado de [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/17/opinion/1460912901\\_784452.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/17/opinion/1460912901_784452.html)
- Ranciére, J. (2014). *O ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo.
- Mouillaud, M. (2014). *Le discours et ses doubles. Sémiotique et politique*. In *Communication*, 33. Recuperado em: <http://communication.revues.org/6104>
- Verón, E. (1985). Le corps du Président Essai sur la démocratie audiovisuelle avancée. In *Doc du travail, mim*, Paris, 1985.

- Verón, E. (1994). De l'image sémiologique aux discursivités: le temps d'une photo. En *Hermés*, 13-14, pp. 45-64.
- Verón, E. (2004). *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo, Brasil: Unisinos.
- Verón, E. (2013). *La semiosis social II. Ideas, momentos, interpretantes*. Buenos Aires: Paidós.
- Villarruel, D. (2014). *(In)justicia mediática: cuando el periodismo quiere ser juez*. Buenos Aires: Sudamericana.

IDENTIFICACIÓN DEL AUTOR:

**Antonio Fausto Neto** é doutor em Sciences de La Communication et de L'information pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, França, e Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília, Brasil. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNISINOS-RS. Pesquisador 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico/CNPq e Consultor ad-hoc da CAPES, CNPq e casas editoriais. É Presidente do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO). Co-fundador da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação COMPOS.

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO:

Fausto Neto, A. (2016, Diciembre). Dos circuitos à sentença: O impeachment de Dilma Rousseff no ambiente da circulação midiática. En *InMediaciones de la Comunicación*, 11, pp. 97-111. Revista de la Escuela de Comunicación, Facultad de Comunicación y Diseño, Universidad ORT Uruguay, República Oriental del Uruguay.